
REPENSANDO A NOÇÃO DE FORMAÇÃO DISCURSIVA

1. À guisa de introdução

Muitos são os estudos sobre linguagem humana que se valem explicitamente do conceito básico de Formação Discursiva (FD), principalmente os que têm como referencial teórico a Análise de Discurso de linha francesa (AD).

Nesses, a noção de FD mostra-se essencial na medida em que orienta o analista de discurso em seu ato de recortar uma seqüência discursiva, impedindo-o de dissociar linguagem e situação, mantendo, assim, a homogeneidade de cada domínio discursivo.

É, pois, em razão da importância que tal noção tem nos procedimentos metodológicos que norteiam as pesquisas lingüísticas direcionadas ao discurso que a presente reflexão é feita.

2. A noção foucaultiana de Formação Discursiva

É Michel Foucault que, em 1969, emprega, pela primeira vez, a expressão formação discursiva ao questionar as condições, tanto históricas

como discursivas, que permitem que os sistemas do saber se constituam. Para o autor, entende-se por Formação Discursiva o conjunto de enunciados que têm em comum uma regularidade entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos e os temas escolhidos, além de um sistema de dispersão semelhante.

A regularidade entre os enunciados pertencentes a uma FD pode se apresentar no intradiscurso sob a forma de ordenação, correlação, posição, funcionamento e transformação.

O sistema de dispersão semelhante enfoca: a) o sujeito que fala, isto é, quem fala, por quais razões pode falar, quais seus direitos de intervenção; b) o lugar institucional de onde o sujeito fala, que legitima ou não o seu discurso ao definir direitos de intervenção e de decisão; c) a posição do sujeito, que questiona ou que observa. Está-se diante de uma "dispersão do sujeito" e de "sua descontinuidade em relação a si mesmo" (Foucault, 1987, p. 62).

As FD estão sujeitas a certas regras de formação que lhes dão condições de existência, coexistência, manutenção, modificação e desaparecimento (op. cit. p. 44).

É necessário salientar-se que, para Foucault, enunciado situa-se em um nível pré-sistemático, anterior ao da frase formulada. À forma sistemática "acabada", formulada, o autor denomina formulação enunciativa.

Formulações enunciativas podem ser analisadas e descritas segundo sua forma de sucessão e de coexistência.

Descrever formulações enunciativas de acordo com suas formas de sucessão pressupõe tanto o exame da disposição das séries enunciativas - inferências, implicações, ordem de descrição, esquema de generalizações ou de especificações - como o estabelecimento dos tipos de correlação existente entre essas formas de sucessão, ou seja, hipótese/verificação, asserção/crítica, lei geral/aplicação particular, etc.. Os esquemas retóricos - encadeamentos de descrições, deduções e definições - também são determinantes na descrição de como as formulações enunciativas se mostram (op. cit., p. 62-63).

Formulações enunciativas podem coexistir, quer no campo da presença, quando enunciados já anteriormente formulados são aceitos como verdade admitida ou são criticados, rejeitados, excluídos; quer no campo da concomitância, quando os objetos dos enunciados são diferentes, pertencentes a diversos outros tipos de discurso, mas cujos enunciados estão em relação; quer no campo da memória, quando os enunciados não são mais questionadas, podendo, entretanto, gerar outros

enunciados, através de filiação, transformação, continuidade ou descontinuidade (op. cit., p. 64-65).

3. A noção foucaultiana de FD repensada pela Análise de Discurso

No que se refere à teoria do discurso, a noção de FD ocupa uma posição de bastante relevo: partindo da noção althusseriana de "instância ideológica", Haroche et alii (1971) introduzem o conceito de formação ideológica (FI). Vista como "um elemento susceptível de intervir como uma força em confronto a outras forças em uma conjuntura ideológica característica de uma formação social, em um dado momento" (op. cit., p. 102), a FI tem uma existência material através do discurso. Pêcheux e Fuchs (1975) identificam o discursivo existente na instância ideológica (interdiscurso), a formações discursivas, afirmando que as FI "comportam necessariamente, (...) uma ou mais formações discursivas interligadas, que determinam o que pode e o que deve ser dito (...) a partir de uma posição dada em uma conjuntura" (op. cit., p. 11). Pode-se, pois, deduzir que a FD, por ter a capacidade de se materializar, chega até o intradiscurso.

As formulações enunciativas foucaultianas, através das quais tal materialização ocorre, correspondem às seqüências discursivas definidas por Courtine (1980, p. 25) como "seqüências orais ou escritas, de dimensão superior à frase (...) de natureza e forma (...) eminentemente variáveis".

É necessário avaliar as transformações ocorridas no conceito de FD desde seu aparecimento na arqueologia foucaultiana: de um conjunto de enunciados que comungam certas características, que se situam em um nível pré-sistemático e que se materializam no discurso através de formulações enunciativas, chega-se à noção de serem as FD elementos constitutivos de instâncias ideológicas. Dito de outro modo, as FD são lugares da instância ideológica e como tais realizam o "assujeitamento do sujeito (ideológico) do discurso" (Courtine, op. cit. p. 81).

Resumindo: concebida por Foucault para explicar a arqueologia dos sistemas de saber, a noção de FD foi retomada e reestruturada por Pêcheux e Fuchs, que lhe atribuíram a articulação entre o lingüístico (formulação enunciativa) e o discurso (enunciado/saber).

Se, para Foucault, o sujeito ocupante de um lugar institucional e inscrito em uma determinada FD tem o poder de materializar os enunciados/saberes desta mesma FD, para a AD, o sujeito, ao relacionar-se

com o ideológico (interdiscurso), cria os efeitos de sentido do discurso. Sob tal enfoque, não é a referência que a linguagem faz ao mundo que determina o sentido do que é enunciado mas a complexa relação existente entre ideologia/ saber/ FD/ materialização discursiva e o sujeito.

4. Novas reelaborações

O conceito de FD sofre algumas alterações resultantes de modificações por nós propostas.

Primeiramente, quanto à noção de FI: a instância ideológica, em lugar de ocupar o ponto mais alto de uma cadeia hierárquica, faria parte de um conjunto maior, a cultura.

A cultura seira, pois, perpassada por várias FI, que manteriam entre si as mais diversas relações temporais (no domínio da memória, da presença e da antecipação) e espaciais (antagonismo, aliança, etc.). Conseqüentemente, as FD seriam instrumentos através dos quais o homem teria acesso à cultura. Unindo-se nossa hipótese à teoria freudiana que afirma ser o superego uma das instâncias formadoras do sujeito, a manifestação da cultura, e à teoria lacaniana que coloca o sujeito sendo constituído pela linguagem, poderemos considerar a FD um elemento preponderante na constituição do sujeito no seio de uma determinada cultura.

Esse novo enfoque terá, como conseqüência, uma segunda alteração. Para Geertz (1989, p. 58), cultura pode ser definida como um conjunto de mecanismos de controle que visam governar o comportamento humano, pois, sem padrões culturais norteadores, "o comportamento do homem seria (...) um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais".

Em outras palavras, tal mecanismo de controle encontra-se intimamente relacionado a poder, já que é perpassado por várias FI, que condicionam as formações sociais em um determinado momento histórico ao determinarem o que pode e o que deve ser dito e, conseqüentemente, o que não pode e não deve ser dito. Se, como afirmam Pêcheux e Fuchs (cf. p. 4), as FD identificam o discursivo das FI, poderão também identificar o poder inerente a essas mesmas FI.

A reunião das noções de FD e de poder permite-nos um retorno a Foucault, que, em seu artigo "O sujeito e o poder" (1988), tenta "explicar o poder em geral, o poder que ultrapassa as fronteiras entre as nações, que

questiona o status do indivíduo
que monopoliza o saber
(...) submetido a um outro ou submetido a si mesmo
* (Ortiz, 1995, p. 42).

Para Foucault, segundo Ortiz (op. cit., p. 43) "as estratégias usadas para o assujeitamento do indivíduo ao outro são mecanismos de exploração e dominação que ultrapassam o poder político (...) sua ação se exerce sobre sujeitos considerados 'livres', sem confrontos pessoais, sem aparente cerceamento de liberdades, (...) tal ação é, conseqüentemente, co-extensiva a toda e qualquer relação social.

Embora Foucault não estabeleça explicitamente analogias entre FD e poder, cremos ser lícito fazê-lo: relações sociais pressupõem obrigatoriamente relações discursivas. É, pois, através das FD que o sujeito exerce e sofre o poder cultural que as FI lhe conferem.

5. À guisa de conclusão

O itinerário realizado por nossa reflexão possibilita-nos propor a ampliação da noção de FD.

Partindo-se do conceito foucaultiano de conjunto de enunciados que permite a constituição dos sistemas de saber, passando-se pela conceituação da AD, em que FD são tidas como elementos constitutivos de instâncias ideológicas, chega-se à proposta de se relacionarem as FD à instância cultural, como elementos susceptíveis de exercer mecanismos de controle, isto é, de poder.

Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, L. Aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- COURTINE, J. J. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. Paris: Université de Paris X - Nanterre, 1980.
- FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- _____. El sujeto y el poder. Revista Mexicana de Sociología, 2(3): 3-20, jul-set, 1988.
- HAROCHE, C. et alii. La sémantique et la coupure saussurienne. In Langages, 24, 1971, p. 93-106.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- ORTIZ, E. M. NITSCHÉ. O povo cala e fala: o discurso do samba-enredo, de 1964/65 a 1989/90. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1995.
- PÉCHEUX, M., FUCHS, C. "Mises au point et perspectives à propos de l'AAD". Langages n. 37. Paris: Didier/Larousse, 1975.